



II Jornadas
de Arqueologia
do Vale do Tejo

Museu Nacional de Arqueologia Lisboa | 4 – 7 dezembro 2013



Biface Micoquense | Paleolítico, Milharós (Alpiarça)
Museu Nacional de Arqueologia

Livro de Resumos

Ficha Técnica

II Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo 2013
Livro de Resumos

Edição

CPGP - Centro Português de Geo-História e Pré-História

Praceta ao Campo das Amoreiras, Lote:1 – 2.ºO, 1750 – 021 Lisboa

E- mail: cpgp@sapo.pt | Tel. +351 962 997 654

<http://www.i-m.co/cpgp/jornadas/> | [facebook.com/centro.cpgp](https://www.facebook.com/centro.cpgp)

Autores

Vários

Design Gráfico

Arlinda Fortes

Tiragem

200 exemplares

Depósito-legal 367925/13

ISBN 978-989-96416-2-4

Data de publicação

Dezembro de 2013



**Datações de radiocarbono
NÃO deveriam demorar uma eternidade**



BETA

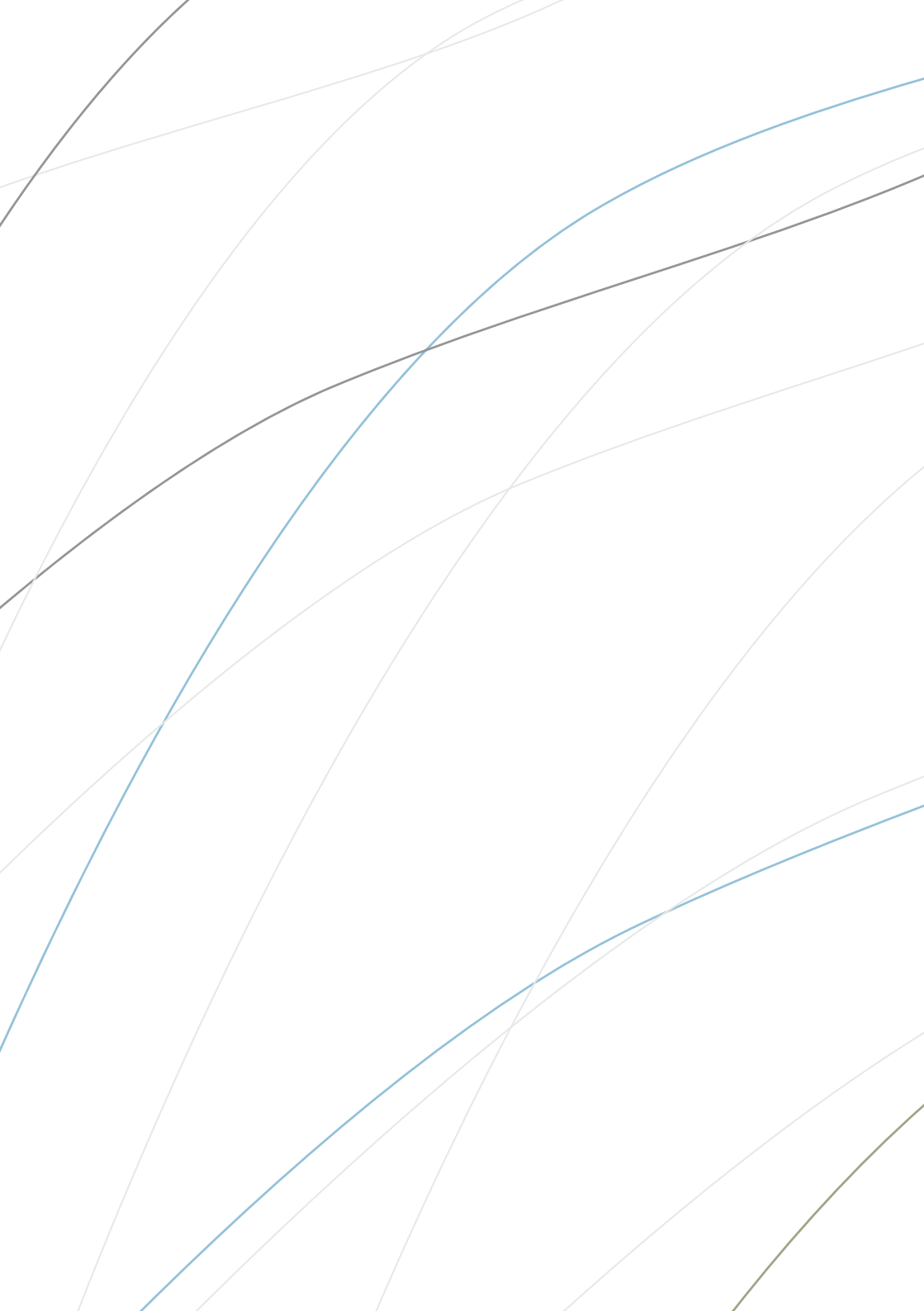
Beta Analytic

Datação por Radiocarbono
Desde 1979

- Resultados entregues a partir de 2 ou 3 dias
- Medições em conformidade com a ISO 17025
- Excelente atendimento ao cliente

Austrália Brasil China Índia Japão Coréia UK EUA

Visite www.radiocarbon.com para obter detalhes





Apresentação

**Onde se organizam as
Jornadas**

Entidade Organizadora

Comissão Científica

Comissão Organizadora

Apresentação

O Vale do Tejo é uma região muito rica em vestígios arqueológicos. Nela estão documentadas várias ocupações humanas desde o Paleolítico Inferior, através das inúmeras estações arqueológicas que se situam nas margens do rio. Devido à sua importância científica, inúmeros arqueólogos, nacionais e estrangeiros, têm investigado, estudado e publicado vários artigos, livros e teses sobre a arqueologia do maior rio que atravessa Portugal. Destes investigadores pode destacar-se, os nomes de Carlos Ribeiro, o “pai” da arqueologia pré-histórica portuguesa, Georges Zbyszewski, Veiga Ferreira e, mais recentemente, João Luís Cardoso, Luís Raposo, Luiz Oosterbeek, António Martinho Baptista, Mário Varela Gomes e José Rolão, entre muitos outros.

Por todas estas razões justificou-se a organização, pelo Centro Português de Geo-História e Pré-História, de umas jornadas dedicadas à arqueologia do Vale do Tejo, que decorreram entre os dias 3 e 6 de Abril de 2008 e, mais tarde, um Congresso de Arqueologia da Bacia Hidrográfica do Tejo, entre 19 e 22 de Abril de 2011, no auditório do Museu da Cerâmica de Sacavém, em Loures, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Loures. Nestas jornadas e congresso foram apresentadas várias comunicações de diversas áreas ligadas à arqueologia, como a arqueologia pré-histórica, a arqueologia histórica e urbana, a arqueologia industrial, o património arqueológico, a antropologia física, a geo-arqueologia e a arqueozoologia, nas quais foram divulgados os atuais conhecimentos sobre a arqueologia do Vale do Tejo.

As jornadas irão decorrer entre os dias 4 e 7 de Dezembro de 2013, no Museu nacional de Arqueologia e estão divididas em sessões gerais, de carácter cronológico, e em sessões temáticas, mais específicas. Nesta haverá um dia dedicado a questões de didática e património.

Onde se organizam as Jornadas

Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, Lisboa

“Instituição centenária da Cultura Portuguesa” o atual Museu Nacional de Arqueologia (MNA) foi fundado em 1893 pelo Doutor José Leite de Vasconcelos (e daí a designação oficial mais completa do Museu, conforme publicação em “Diário da República”: Museu Nacional de Arqueologia do Doutor Leite de Vasconcelos). Em mais de um século de existência este Museu constituiu-se na instituição de referência da Arqueologia Portuguesa, com correspondência regular com museus, universidades e centros de investigação em todo o Mundo.

O acervo do Museu reúne as coleções iniciais do Fundador e de Estácio da Veiga. A estas somaram-se numerosas outras, umas por integração a partir de outros departamentos do Estado (por exemplo: coleções de arqueologia da antiga Casa Real Portuguesa, incorporadas no Museu após a implantação da República; coleções de arqueologia do antigo Museu de Belas Artes, incorporadas quando se criou o atual Museu Nacional de Arte Antiga; etc.), outras por doação ou legado de colecionadores e grandes amigos do Museu (por exemplo: doações Bustorff Silva, Luís Bramão, Samuel Levy, etc.), outras mercê da intensa atividade de campo do próprio Museu ou de outros arqueólogos; outras ainda por despachos governamentais, ao abrigo da legislação aplicável, sempre que se considere o valor nacional de bens arqueológicos descobertos no País.

Para além das exposições, o Museu oferece à sociedade (portuguesa e estrangeira) numerosos outros serviços: edição regular de publicações (de que sobressai a revista científica “O Arqueólogo Português”, editada desde 1895 e a mais importante do seu género em Portugal e com uma rede de mais de 300 instituições correspondentes em todo o Mundo), conservação e restauro de bens arqueológicos, seminários, conferências e cursos da especialidade, serviço educativo e de extensão cultural, biblioteca especializada (a mais importante em Portugal e a única que hoje continua regularmente aberta ao público no conjunto dos museus nacionais), loja e livraria, investigação científica fundamental,

etc. Concebido pelo Fundador para ser uma espécie de “Museu do Homem Português”, o MNA continua hoje com a mesma vocação básica, ou seja, contar a história do povoamento do nosso território, desde as origens até à fundação da nacionalidade. É a única instituição em Portugal capaz de o fazer: pelas coleções de que dispõe, pelos recursos técnicos que possui, e pelo próprio espaço que ocupa no Mosteiro dos Jerónimos (verdadeiro centro de confluência de nacionais e estrangeiros, com especial relevo para as escolas do País, que anualmente ocupam plenamente a capacidade do serviço educativo do Museu).

In: <http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt/?a=1&x=3>

A entidade organizadora

Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP)

O Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP), formado em Outubro de 1993, constituiu-se como associação em 1995. Tem como principais objectivos o fomento e o desenvolvimento de atividades de investigação e de divulgação nos campos científicos da Geo-História e da Pré-História em Portugal.

A realização de trabalhos de investigação, desenvolvidos ao longo da sua existência e a política de intervenção de salvaguarda e estudo científico do património paleontológico e arqueológico, correspondem à dimensão prática das atividades do CPGP. Para a prossecução desta dinâmica de investigação, o CPGP conta com uma estrutura orgânica que assenta numa direção geral científica. Esta direção geral científica é constituída por gabinetes de investigação em paleontologia, arqueozologia, arqueologia e arte rupestre, e por uma área de museologia e biblioteca.

A organização de exposições temáticas que o CPGP tem organizado têm divulgado junto dos diversos públicos a paleontologia e a arqueologia, através da exposição do acervo que o CPGP possui, dando simultaneamente a conhecer os resultados das investigações levadas a cabo. Outra preocupação constante que o CPGP tem vindo a demonstrar é a sua ação pedagógica junto das instituições de ensino, passando a divulgar junto destas o conhecimento da Geo-História e da Pré-História. Assim, o CPGP tem vindo também a desenvolver parcerias com museus, autarquias e escolas, onde tem realizado exposições, conferências, congressos, colóquios e seminários. A organização de ciclos de conferências, seminários e jornadas é sem dúvida uma das melhores formas de divulgação científica.

O C.P.G.P. tem dedicado também grande atenção à divulgação científica: O Boletim do C.P.G.P., publicação que remonta à origem do C.P.G.P., onde se divulga atividades, descobertas e se publica pequenos artigos de divulgação; revista científica "Evolução"; livros ("Os Dinossáurios", 1998, "Os Elefantes Plistocénicos de

Portugal”, 2003; “A Pré-História do Espichel”, 2007; “Arqueologia do vale do Tejo”, 2008; “Um Olhar Sobre a Pré-História do Espichel” (catálogo da exposição com o mesmo nome), 2011.

Recentemente, em setembro de 2013, o CPGP, em resultado de um protocolo com a Câmara Municipal da Golegã, o CPGP fundou, na antiga Escola de São Caetano, Golegã, um projeto de divulgação e de investigação, o NIDAP - Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia, constituído por um espaço museológico, uma biblioteca e um laboratório de investigação em paleontologia e arqueologia pré-histórica.

No NIDAP poderá ser visitada uma exposição que tem como temas centrais a evolução da vida e a evolução física e tecnológica do homem, constituída pelos materiais das coleções paleontológicas e arqueológicas do CPGP e por suportes interativos. Poderá também ser utilizada a biblioteca, que tem mais de um milhar de livros e artigos, em suporte de papel e informático sobre paleontologia, evolução, arqueologia, arte rupestre e geoarqueologia.

Comissão Científica

Ana Cruz

(Centro de Pré-História – Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

António Carvalho

(Museu Nacional de Arqueologia)

Esteban Álvarez-Fernández

(Universidade de Salamanca)

Davide Delfino

(Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

Fernando Coimbra

(Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

Hipólito Collado

(Consejería de Educación y Cultura, Mérida, Espanha; Instituto Terra e Memória, Mação)

Isabel Cristina Fernandes

(Câmara Municipal de Palmela; Escola Secundária D. Manuel I, Alcochete)

João Luís Cardoso

(Universidade Aberta, Lisboa; Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras)

João P. Cunha Ribeiro

(Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa)

Luís Raposo

(Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)

Luiz Oosterbeek

(Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra)

Manuel Santoja

(Centro Nacional de Investigación sobre la Evolución Humana, Espanha)

Mário Antas

(Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa; Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa)

Nuno Bicho

(Universidade do Algarve)

Pedro Proença Cunha

(Universidade de Coimbra)

Pierluigi Rosina

(Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Interpretação do Alto Ribatejo, V. N. da Barquinha)

Silvério Figueiredo

(Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa; Instituto Politécnico de Tomar; Laboratório de Arqueozologia e Paleontologia, Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória, Mação)

Soledad Corchón Rodriguez

(Universidade de Salamanca)

Comissão Organizadora

Coordenação

Silvério Figueiredo

CPGP - Centro Português de Geo-História e Pré-História

Fernando Coimbra

Arlinda Fortes

Mário Santos

Guilherme Vieira

Sofia Ferreira

Sandra Domingos

Vanessa Sousa

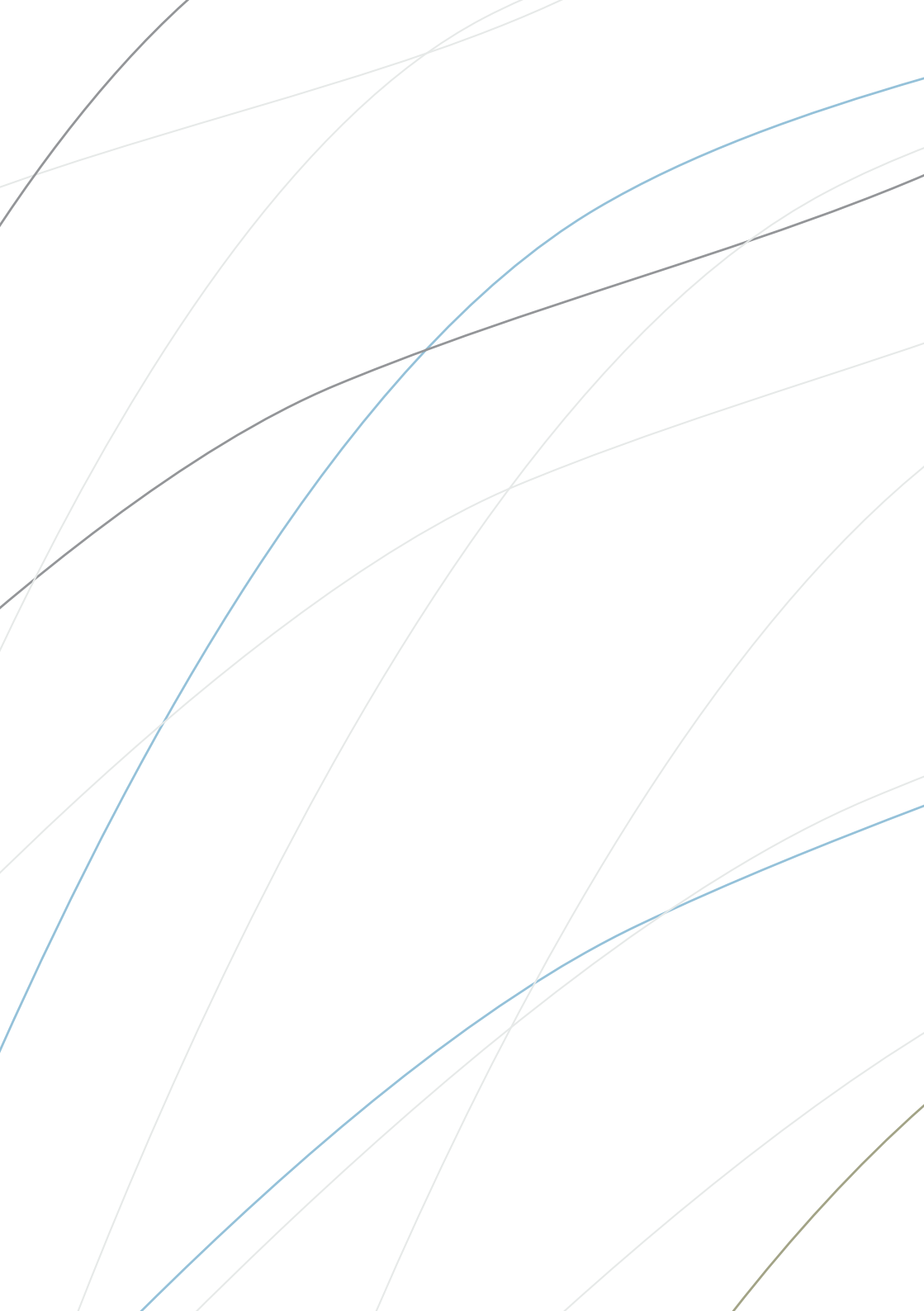
Samuel Pereira

MNA - Museu Nacional de Arqueologia

Mário Antas

CPH.IPT - Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar

Ana Graça





Programa detalhado

10:00 – Recepção aos participantes

10:15 – Sessão de Abertura

10:30 – Início das Sessões

Neolítico

Coordenadora: Ana Cruz

Ana Cruz, Ana Graça, Davide Delfino

Megalitismo versus *Tumuli* – as realidades funerárias no Alto Ribatejo

Ana Cruz; Davide Delfino e Ana Graça

Povoamento diacrónico no Alto Ribatejo

11:15 – Coffee-Break

11:30 – Idade dos Metais

Coordenador: Davide Delfino

Davide Delfino, Luiz Oosterbeeck,

João Baptista, Pedro Cura

Povoamento Humano no Concelho de Mação na Idade do Bronze Final. Novos dados das investigações 2012-2013

Juan Pereira Sieso e Maria Cristina Charro Lobato

El Cerro de la Mesa: un nuevo castro fortificado en el territorio vetton del valle del Tajo

Ana Graça, Ana Cruz e Davide Delfino

Cavidades Cársicas e Reutilização funerária – o caso de Alvalados

16:15 – Geo-arqueologia – 1ª Parte

Coordenadora: Teresa Azevêdo

Teresa Azevêdo

Uma Pequena História de um Grande Rio: do pré-Tejo ao Tejo atual

13:00 – Almoço (livre)

14:30 – Arqueologia Sub-aquática

Coordenadores: Alexandra Figueiredo e

Adolfo Silveira Martins

Jorge Ribeiro Russo

Correlação Destroço-Navio: SS Dago, um estudo de caso

Cristiana Simões

Contributo para o estudo do Vale do Tejo na época Romana: a aplicação dos sistemas de informação geográfica numa perspetiva de análise espacial da ocupação e de mobilidade

Adolfo Miguel Martins

Troia I, Viagem no Mar e no Tempo: interpretação de um naufrágio

Alexandra Águeda Figueiredo

Mesa-Redonda: Trilhar um caminho para o futuro: Estratégias para 2020

16:00 – Coffee Break

16:15 – Paleolítico

Coordenadora: Sara Cura

Sara Cura, Pedro Cura, Stefano Grimaldi

Experimentação e análise morfotécnica de um conjunto lítico do Plistocénico Médio: Ribeira da Atalaia

João Pedro Cunha Ribeiro

Velhas e Novas Ideias em Torno do Paleolítico Inferior do Vale do Tejo

Mário Santos

A Coleção Paleolítica da Escola José Relvas e a sua função educativa: um balanço (2007-2013)

Sofia Ferreira e Luís Raposo

A Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Paleolítico da Foz do Enxarrique (Vila Velha de Ródão): o exemplo prático do estágio Ciência Viva (2013)

17:45 – Sessão de Encerramento do 1.º dia

10:30 – Início das Sessões

Arte Rupestre

Coordenador: Fernando Coimbra

Mário Varela Gomes

Idoliformes e esteliformes na arte rupestre do Vale do Tejo. Morfologias, cronologias e interpretações

Fernando Coimbra

Uma representação arquitectónica na arte rupestre do Vale do Tejo?

11:30 – Coffee-Break

Cristina Grilo Lopes

Figurações na Arte Rupestre Tagana

Fernando Coimbra e Sara Garcês

A arte do Tejo na exposição itinerante “Arte rupestre do Pinhal interior”

13:00 – Almoço (livre)

14:30 – Museologia

Coordenador: Mário Antas

Mário Antas, Mafalda Ramos, António Carvalho, Luís Raposo, Isabel Inácio, Miguel Feio, Ricardo Simões, Carlos Diniz, Maria João Nunes e Carla Ventura

O projecto europeu EMEE e a mudança de perspectiva nos museus de arqueologia: nova relação com os públicos

António Carvalho

Uma futura exposição no MNA: “O Tempo Resgatado ao Mar”

Silvério Figueiredo, Arlinda Fortes, Fernando Coimbra, Mário Antas

NIDAP:CPGP – São Caetano, Golegã: um projeto de Investigação e de Divulgação de Arqueologia e Paleontologia

Lígia Marques, Luís Mota Figueira e José Manuel Lopes Cordeiro

Abordagem à Metalúrgica Duarte Ferreira: proposta de musealização

15:45 – Coffee Break

16:00 – História Moderna

Coordenadora: Florbela Estevão

Florbela Estevão

Particularidades arquitectónicas do Sistema Defensivo das Linhas de Torres Vedras

Raquel Silva

A Cisterna da Torre Medieval de Sacavém

16:45 – Proto-História

Coordenador: Luís Barros

Luís Barros e Ana Olaio

Instrumentos de Osso da Quinta do Almaraz

17:30 – Sessão de Encerramento do 2.º dia

10:30 – Início das Sessões

Geo-arqueologia - 2.ª parte

Coordenador: Silvério Figueiredo

Silvério Figueiredo e Pedro Proença Cunha
As Ocupações Pré-históricas na Zona do Cabo Espichel: uma análise geo-arqueológica

Jorge Cristóvão e Pierluigi Rosina
Cronologia para os Terraços mais Antigos do Tejo na Região de Vila Nova da Barquinha (Portugal Central)

11:20 – Coffee-Break

11:40 – Visita ao MNA

13:00 – Almoço (livre)

14:30 – Paleontologia do Quaternário

Coordenador: Silvério Figueiredo

Silvério Figueiredo e Américo Rosa
Indicadores Tafonómicos e Paleoecológicos Resultantes do Estudo da Avifauna do Plistocénico Médio e Superior do Vale do Tejo

Sandra Domingos, Silvério Figueiredo e Luís Mota

Proposta para um roteiro de Paleoturismo no Médio e Alto Tejo (em território Português), incluindo o Quaternário

15:15 – Paleoantropologia

Coordenador: Tiago Tomé

Tiago Tomé e Cláudia Cunha
O Registo Osteológico Humano da Gruta do Morgado Superior (Tomar): um Vislumbre da Vida no Mundo dos Mortos do Vale do Nabão

15:45 – Coffee Break

16:00 – Exibição do filme “A ETAR do Barreiro/Moita” sobre a valorização científica e cultural do sítio Pré-histórico da Ponta da Passadeira.

16:10 – Joaquina Soares

“Pré-história das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal”

16:40 – Romano

Coordenador: António Carvalho

F. Javier Sanches-Palencia, Guillermo Reher e Brais Currás

Minería Romana del Oro en la Cuenca Media del Tajo

Vanessa Sitima Dias

A Cerâmica *Campaniense* do Teatro Romano de Lisboa

17:30 – Medieval

CoordenadorA: Isabel Cristina Fernandes

Isabel Inácio e Vânia Carvalho

À sombra do Castelo de Leiria - 5 milénios de história

18:00 – Sessão de Encerramento do 3.º dia

10:00 – Saída de Lisboa (Museu Nacional de Arqueologia)

11:00 – Concheiros de Muge - Mesolítico

12:30 – Vale do Forno (Alpiarça) – Paleolítico Inferior

13:00 – Almoço (Chamusca)

14:45 – *Villa Cardilio* - Romano

16:00 – Visita ao NIDAP - Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (*exposição: Entre a Terra, a Vida e o Homem*)

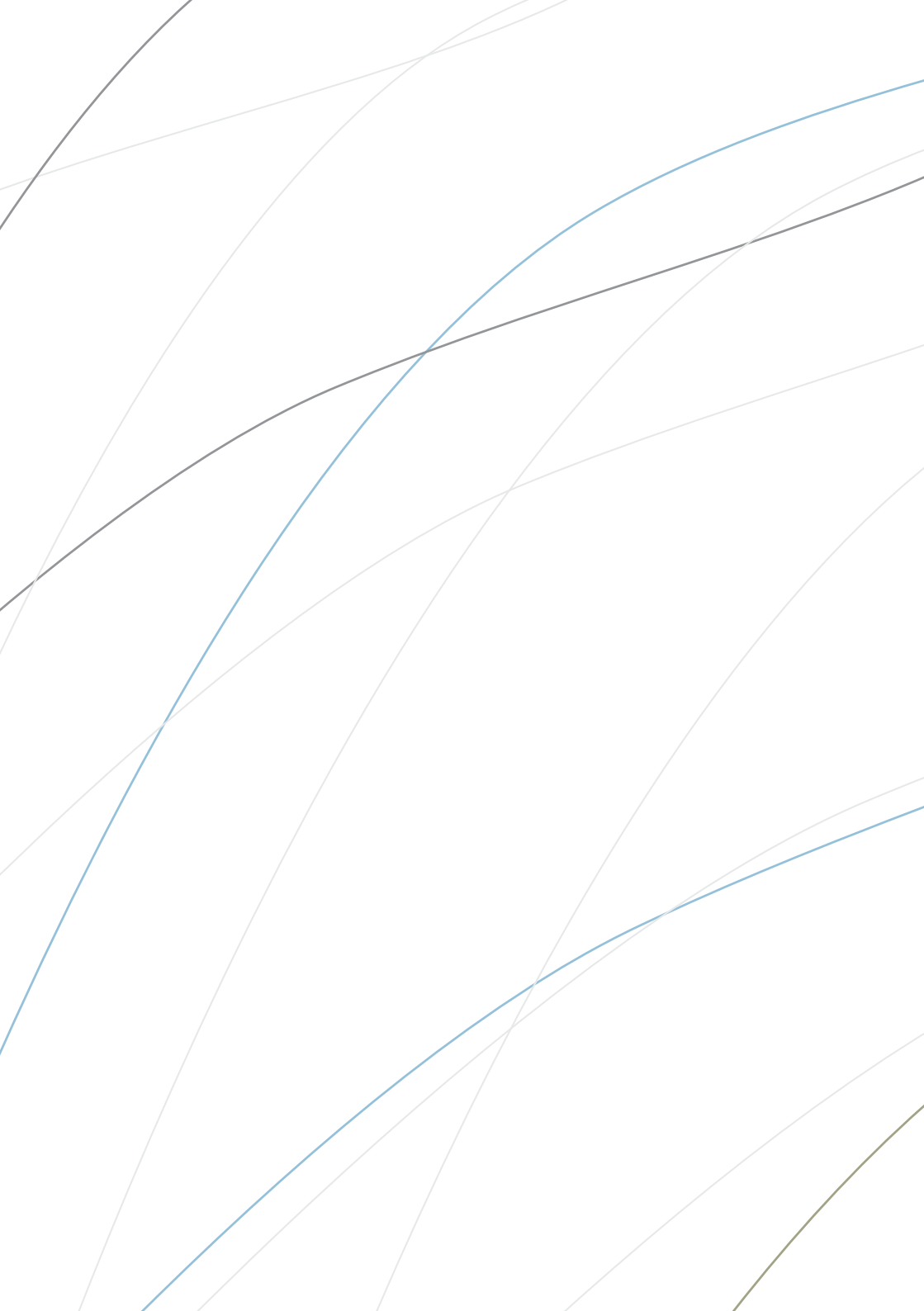
17:15 – Regresso

19:00 – Chegada a Lisboa

Outras atividades

No âmbito das II Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, estará patente no Museu Nacional de Arqueologia (Salão Nobre), de 3 a 31 dezembro de 2013, uma exposição fotográfica sobre o Vale do Tejo, comissariada pela Doutora Teresa Azevêdo.

No decorrer das Jornadas, haverá uma Feira do Livro dedicada às temáticas da Arqueologia.



Resumos

Índice

- 28 | Pré-História Antiga
Paleolítico
- 32 | Pré-História Recente
Neolítico
- 34 | Pré-História Recente
Calcolítico
- 35 | Pré-História Recente
Idade dos Metais
- 38 | Proto-história
- 39 | Arqueologia Histórica
Romano
- 41 | Arqueologia Histórica
Medieval
- 42 | História Moderna
- 44 | Arte Rupestre
- 48 | Paleoantropologia
- 49 | Geoarqueologia
- 52 | Paleontologia do Quaternário
- 54 | Museologia Arqueológica
- 58 | Arqueologia Sub-Aquática
Vale do Tejo

Experimentação e análise morfotécnica de um conjunto lítico do Plistocénico Médio: Ribeira da Atalaia

Sara Cura¹, Pedro Cura², Stefano Grimaldi³

¹Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo, Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geo-Ciências

²Instituto Terra e Memória, Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geo-Ciências

³Universidade de Trento, Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geo-Ciências

Com vista a compreender algumas características morfotécnicas da Indústria lítica dos níveis do Paleolítico Inferior da Ribeira da Atalaia (Alto Ribatejo, Portugal Central), também conhecida por Ribeira da Ponte da Pedra, foram desenvolvidas diversas séries de experimentações e análises traceológicas, cujos resultados apresentamos. A indústria lítica em análise é essencialmente constituída por seixos talhados, suportes corticais e não corticais e seixos retocados. Alguns deste suportes apresentam modificações atípicas que designamos como retoque informal e cuja origem pretendemos esclarecer com estudos morfotécnicos, experimentais e traceológicos.

Palavras-Chave: Ribeira da Atalaia; experimentações e análises traceológicas; indústria lítica; estudos morfotécnicos.

Velhas e Novas Ideias em Torno do Paleolítico Inferior do Vale do Tejo

João Pedro da Cunha Ribeiro

Universidade de Lisboa, UNIARQ

O Vale do Tejo desde sempre constituiu uma área privilegiada para o estudo das primeiras ocupações do território português pelo homem, realidade essa que nos nossos dias mantém total actualidade.

Mas se consensualmente os modelos evolutivos lineares que até nós chegaram dessas ocupações precisam de ser revistos à luz das novas cronologias, também nesse mesmo quadro de referências é preciso analisar qual o significado da continuada prevalência de determinados sistemas de configuração dos artefactos, técnicas e métodos de talhe a eles associados, bem como de conceitos ou até mesmo de putativas entidades culturais que persistentemente teimam muitas vezes em reaparecer no quadro de tais estudos.

Palavras-Chave: Ribeira da Atalaia; experimentações e análises traceológicas; indústria lítica; estudos morfotécnicos.

A Coleção Paleolítica da Escola José Relvas e a sua função educativa: um balanço (2007-2013)

Mário Santos

Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP); Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (NIDARCPGP).

Alpiarça tem um vasto património arqueológico, com especial destaque para o Paleolítico, mas que passa por vários períodos. Grande parte das estações arqueológicas deste concelho do Ribatejo estão localizadas perto do Lago dos Patudos. Grandes nomes da arqueologia portuguesa, como Leite de Vasconcelos, Georges Zbyszewski, e mais recentemente, Luís Raposo realizaram trabalhos de investigação em Alpiarça.

Pretende-se, nesta comunicação, apresentar a coleção de arqueologia da Escola José Relvas, com destaque para os materiais paleolíticos, analisados pelo autor, no âmbito do estágio curricular da Licenciatura de Gestão do Território, Variante de Arqueologia, e mostrar o que foi feito depois deste trabalho, em especial na vertente educativa.

Palavras-Chave: Alpiarça, Paleolítico, Escola José Relvas.

A Valorização Patrimonial e Educativa do Sítio Paleolítico da Foz do Enxarrique (Vila Velha de Ródão): o exemplo prático do estágio Ciência Viva (2013)

Sofia Ferreira¹ e Luís Raposo²

¹ Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP); Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (NIDAP:CPGP)

² Museu Nacional de Arqueologia

O sítio arqueológico da Foz do Enxarrique localiza-se nas margens do rio Tejo, em Vila Velha de Rodão. Apresenta uma ocupação principal do Paleolítico Médio, representada por um horizonte arqueológico *in situ* constituído por largos milhares de artefactos líticos e por um rico conjunto faunístico, em directa associação estratigráfica e espacial com ocupação humana.

O acesso ao sítio classificado como “imóvel de interesse público” foi recentemente beneficiado pela construção de uma ponte pedonal unindo as duas margens da ribeira do Enxarrique. Este facto, aconselha a adopção de medidas que melhor o protejam e potenciem socialmente, incluindo elementos de valorização patrimonial e educativa, numa perspectiva que se crê inovadora no plano nacional.

Com base na futura implementação de uma “escavação-escola” para o local, foi realizada uma curta campanha de ciência viva, direccionada a jovens do ensino secundário, com vista à reabilitação e dinâmica do sítio arqueológico. O estágio baseou-se nas premissas de sensibilização e educação patrimonial, através do ensino e aplicação de técnicas e práticas arqueológicas.

Palavras-Chave: Foz do Enxarrique; valorização patrimonial e educativa; Paleolítico Médio; artefactos líticos; fauna pliocénica.

Megalitismo versus *Tumuli* – as realidades funerárias no Alto Ribatejo

Cruz, A.¹, Graça, A.², Delfino, D.³

¹Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo de Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências - anacruz@ipt.pt – Campus da Quinta do Contador – edifício M – 2300-313 Tomar

²Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo de Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências - anagrace@ipt.pt – Campus da Quinta do Contador – edifício M – 2300-313 Tomar

³Instituto Terra e Memória, Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências (ulD73- F.C.T.), Câmara Municipal de Abrantes (Projeto Museu Ibérico de Arqueologia e Arte)- davdelfino@gmail.com – Instituto Terra e Memória, Largo dos Combatentes 4120-740 Mação

No Alto Ribatejo existem duas realidades arquitectónicas que não são sincrónicas, mas que pelo seu diacronismo, apontam para a ocupação funerária deste território.

Por um lado, o Alto Ribatejo mantém um fio condutor relativamente ao fenómeno megalítico que existe por todo o País através de três núcleos de necrópoles: a necrópole de val da Laje, a de vale Chãos e a da Jogada. Para além deste elemento arquitectónico vamos encontrar a Pedra da Encavalada como um monumento atípico mas claramente correlacionado ao megalitismo, bem como, o monumento funerário de Colos onde se evidenciam deposições de cremações colectivas, aproveitando o afloramento como estrutura.

Por outro lado, vamos assistir, já na Idade do Bronze Final à construção de mamoas pétreas cujo núcleo central é ocupado por uma urna de cremação. Isso cria rotura com a arquitetura funerária tradicional, bem como é evidente, outra rotura, de inumações e cremações coletivas para incinerações individuais, neste caso particular. Com as mamoas surge também outra interessante questão: a das violações dos tumuli ainda na Idade do Bronze.

Palavras-Chave: Alto Ribatejo, Antas, Encavalada, Tumuli, Rotura cultural.

Povoamento diacrónico no Alto Ribatejo

Cruz, A.¹, Graça, A.², Delfino, D.³

¹*Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo de Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências - anacruz@ipt.pt – Campus da Quinta do Contador – edifício M – 2300-313 Tomar*

²*Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo de Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências - anagrace@ipt.pt – Campus da Quinta do Contador – edifício M – 2300-313 Tomar*

³*Instituto Terra e Memória, Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências (uID73- F.C.T.), Câmara Municipal de Abrantes (Projeto Museu Ibérico de Arqueologia e Arte)- davedelfino@gmail.com- Instituto Terra e Memória, Largo dos Combatentes 4120-740 Mação*

Nos últimos anos a investigação desenvolvida no Alto Ribatejo permitiu a escavação de vários sítios arqueológicos de habitat. O Povoado da Amoreira, Povoado de Fontes, o Povoado de Santa Margarida da Coutada, o Povoado do Maxial, o Povoado da Fonte Quente, o Povoado do Castelo Velho da Zimbreira e do Castelo Velho do Caratão são exemplos de uma contínua ocupação no espaço geográfico, num âmbito diacrónico, numa região a beira de uma grande rua de comunicação desde sempre: o Rio Tejo.

Para além de múltiplos achados de superfície, particularmente os três depósitos de metais da Idade do Bronze, que são grandes manchas de ocupação, destacamos estes povoados-paradigma pela sua diversidade e cronologia relativa que abarcam desde o Epipaleolítico até à Idade do Bronze Final/Primeira Idade do Ferro. São sítios que nos permitem colocar questões relativamente à ocupação do espaço no Alto Ribatejo, a exploração dos recursos minerais e à caracterização das suas comunidades, bem como abordar uma cronologia relativa ainda hoje incompleta.

Palavras-Chave: Alto Ribatejo; Povoados; Diacronia; Agro-pastoralismo; Metalurgia.

Pré-história das Zonas Húmidas: Paisagens de Sal. A Ponta da Passadeira

Joaquina Soares

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal, IAP – FCSH/UNL

Apresentam-se dados acerca da importância do sal na economia agro-marítima dos principais estuários da Costa Sudoeste da Península Ibérica. Como o sal é invisível no registo arqueológico, os dados apresentados resultam de informações obtidas de forma indirecta pelo registo de conchas de moluscos marino-estuarinos em povoados do interior. A principal base empírica deste artigo resulta da informação recolhida no estabelecimento produtor de sal do sítio pré-histórico da Ponta da Passadeira, localizado na margem sul do rio Tejo (Barreiro).

Palavras-Chave: Estuário do Tejo; pré-história; zonas húmidas; Ponta da Passadeira; sal.

Povoamento humano no Concelho de Mação na Idade do Bronze Final. Novos dados das investigações

Daive Francesco Delfino¹, Luiz Oosterbeeck², João Baptista³, Pedro Cura⁴

¹Instituto Terra e Memória, Grupo "Quaternário e Pré-História" do Centro de Geociências (uID73- F.C.T.), Câmara Municipal de Abrantes (Projeto Museu Ibérico de Arqueologia e Arte)- davdelfino@gmail.com
Instituto Terra e Memória, Largo dos Combatentes 4120-740 Mação

²Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra

³Instituto Terra e Memória, Grupo Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências.

⁴Instituto Terra e Memória

A área NE do Concelho de Mação, que se inscreve nos relevos meridionais do designado Maciço Ibérico, apresenta diversas evidências de povoamento humano atribuíveis à Idade do Bronze, nomeadamente na sua fase Final (sécs. XII-VIII a.C.), que ilustram uma detalhada gestão dos recursos naturais e das características orográficas geomorfológicas e geológicas únicas. Um conjunto de: povoados amuralhados, localizados no topo dos relevos mais elevados e visualmente interconetados, de depósitos de fundição e de locais com recursos naturais estratégicos (água termal, ribeiros, nascentes de água, argila, sulfuretos de cobre e óxidos/hidróxidos de ferro), descreve uma unidade territorial bem organizada, que maximizava o uso diferenciado dos solos e da topografia, favorável ao confinamento da pastorícia e à defesa conjunta, com conexão direta com o Tejo.

Na presente comunicação pretendemos apresentar os dados das investigações desenvolvidas entre 2012 e 2013.

Palavras-Chave: Mação; Idade do Bronze; Gestão dos recursos no território; Castelo Velho da Zimbreira; Castelo Velho do Caratão.

El cerro de la Mesa: un nuevo castro fortificado en el territorio vetton del valle del Tajo

Juan Pereira Sieso e Maria Cristina Charro Lobato

Facultad de Humanidades Universidad Castilla la Mancha

El Cerro de la Mesa se sitúa en la margen derecha del río Tajo, junto a la presa que recibe las aguas del embalse de Azután. Su situación se entiende en función de dos factores estratégicos, como son la presencia de un vado histórico y la posibilidad de combinar una importante diversidad de recursos económicos. Entre las estructuras conocidas, destaca la presencia de una importante muralla que circunda la parte superior del cerro, conservando una altura en ciertos puntos de hasta 3 m. Su construcción parece remontarse al s. VII a.C., siendo destruida a inicios del s. VI a.C. En la Segunda Edad del Hierro se reconstruyeron algunos lienzos y torreones con diferentes aparejos. En la zona sur del poblado se excavó también un posible santuario ligado a un hogar en forma de “piel de toro”, asociado a materiales cerámicos excepcionales fechados desde el s. VII a finales del VI a.C. Por su parte, en la zona intramuros de la esquina sureste del yacimiento en plena fase vetona se ha documentado un importante proceso de reordenación y urbanismo a partir del relleno y homogeneización de distintos espacios, sobre los que se construyeron viales y varias viviendas, con un rico mobiliario fechable en el siglo II a.C..

Palavras-Chave: Castro, Santuario, urbanismo, casas vettones.

Cavidades Cársicas e reutilização funerária – o caso de Alvados

Cruz, A.¹, Graça, A.², Delfino, D.³

¹Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo de Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências - anacruz@ipt.pt – Campus da Quinta do Contador – edifício M – 2300-313 Tomar

²Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo de Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências - anagraca@ipt.pt – Campus da Quinta do Contador – edifício M – 2300-313 Tomar

³Instituto Terra e Memória, Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências (uID73- F.C.T.), Câmara Municipal de Abrantes (Projeto Museu Ibérico de Arqueologia e Arte)- davedelfino@gmail.com- Instituto Terra e Memória, Largo dos Combatentes 4120-740 Mação

A utilidade das cavidades cársicas é geralmente, no contexto de ocupação humana no território, visto como de abrigo inicialmente e posteriormente de espaço sagrado / funerário.

Em toda Europa há variados exemplos de ocupação e uso das cavidades cársicas com continuidade entre Idade do Bronze e época moderna, sobretudo no mundo mediterrânico.

O estudo de material osteológico, espólio e datações realizados aponta para uma continuação da sua utilização.

O contexto apresentado remete para uma continuidade da dupla função abrigo/tumulação nos períodos entre o Bronze e a Alta Idade Média alternadamente associados a diferentes situações como a pastorícia ou instabilidade social de matriz sociocultural.

A frequência ou o uso das cavidades cársicas ao longo de 3500 anos, evidencia uma continuidade de um costume infra secular, embora em condições culturais e de dinâmicas históricas diferentes.

Palavras-Chave: Cavidade cársica, tumulação secundária, Idade do Bronze, transição.

Alguns aspectos particulares da cidade orientalizante de Almaraz, Almada (Portugal). Os artefactos de osso

Luís Barros¹ e Ana Olaio

¹*Câmara Municipal de Almada*

As escavações realizadas desde 1988 na Quinta do Almaraz revelaram a existência de uma cidade com forte substrato indígena e uma importante influência e presença Orientalizante, particularmente Fenícia. É um dos mais importantes espaços urbanos da costa Atlântica, com milhares de artefactos e eco factos que permitiram a construção de uma imagem da vida, atividades artesanais e económicas, vida social e eco sistema entre os séc. VIII e III a.C.. Por diversas vezes apresentamos e publicamos alguns aspetos particulares desta cidade e das suas atividades.

Apresentam-se os artefactos de osso, chifres, armações de cervídeo e marfim, produzidos ou recolhidos no Almaraz. É possível encontrar as diversas fases de preparação e produção de objetos em osso, existindo peças de grande qualidade e outras mais funcionais. Foram recolhidos dois discos de marfim fóssil, que podem ter sido recolhidos localmente e um botão em marfim de produção oriental.

A Quinta do Almaraz ainda tem para revelar muitas informações essenciais para o conhecimento do final da Idade do Bronze e Idade do Ferro indígena e das suas relações com a Fenícia, Cartago e todo o Mediterrâneo.

Palavras-Chave: Quinta do Almaraz, estuário do Tejo, presença fenícia, Idade do Bronze, Idade do Ferro.

Minería Romana del Oro en la Cuenca Media del Tajo

F. Javier Sanches-Palencia, Guillermo Reher e Brais Currás

Instituto de Historia (CSIC)

La llegada de Roma supuso un transformación en la forma de organizar y explotar el territorio; los recursos auríferos fueron un elemento de gran relevancia estratégica que el Imperio Romano explotó sistemáticamente en la cuenca del río Tajo. Estudios recientes han contribuido a comprender en gran medida la escala con la que Roma puso en explotación el oro, lo que refrenda la mención pliniana del/aurifer Tagus/. En esta ponencia haremos un análisis exhaustivo de las explotaciones mineras de toda la Cuenca del Tajo, y una aproximación a las técnicas mineras empleadas de las zonas mineras conocidas, con especial hincapié en la morfología de dos de ellas: el Conhal de Arneiro (Nisa) y el complejo minero del Ponsul (Castelo Branco).

Palavras-Chave: Minería del oro; Cuenca Media del Tajo; Arqueología romana.

A Cerâmica *Campaniense* do Teatro Romano de Lisboa

Vanessa Sítima Dias

Estão em análise os fragmentos de cerâmica campaniense recuperados nas intervenções de 2005, 2006 e 2012 do Teatro Romano de Lisboa.

A presença romana em Lisboa entre finais do século II a.C. e finais do século I a.C. é ainda uma realidade mal conhecida, que levanta várias problemáticas.

É nossa intenção abordar a ocupação romana republicana de Lisboa, através da informação que a cerâmica romana de verniz negro nos pode fornecer.

Palavras-Chave: verniz negro, teatro romano, Lisboa, romano republicano.

À sombra do Castelo de Leiria: cinco milénios de história

Vânia Carvalho¹ e Isabel Inácio²

¹*Câmara Municipal de Leiria*

²*Arqueohoje, Lda.*

A Câmara Municipal de Leiria desenvolveu, entre 2009 e 2012, um projeto de investigação, no quadro do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, que se incluiu no Programa de Ação Local para a Regeneração Urbana do Centro Histórico de Leiria, tendo sido financiado no âmbito do QREN. Corresponde a um projeto de valorização e investigação arqueológica do Castelo de Leiria, em que se pretendeu efetuar um diagnóstico exaustivo do monumento, através da realização de levantamentos gráficos, estudos paramentais e análises preliminares de elementos físicos, prospeção arqueológica e geofísica, escavação arqueológica e estudo de espólio, com vista à fundamentação de um projeto de valorização e requalificação do monumento.

Localizado num território de charneira, entre a linha do Tejo e do Mondego, o Castelo de Leiria implanta-se no topo de um morro, num local de exceção, que lhe permite o controlo visual de uma vasta área da bacia hidrográfica do Lis, e cujo domínio da paisagem terá sido estrategicamente importante para o seu povoamento. Os resultados agora apresentados poderão colocar novas hipóteses acerca da real importância do povoamento do morro do Castelo, que se prolonga ao longo de cinco milénios.

Palavras-Chave: Castelo de Leiria; investigação e valorização arqueológica, povoamento.

Particularidades arquitectónicas do Sistema Defensivo das Linhas de Torres Vedras

Florbela Estêvão

Câmara Municipal de Loures; Comissão Técnica Permanente da Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres

Apresenta-se a circunstância do dispositivo defensivo militar de Linhas de Torres Vedras, nos seus aspectos arquitectónicos, representar uma articulação perfeita entre as características geomorfológicas do terreno em que se implanta e as transformações feitas nesse terreno em termos construtivo-militares.

Se de facto, em geral, qualquer boa estratégia militar acarreta um profundo conhecimento do terreno de operações, este caso revela uma particular habilidade no aproveitamento, num curto espaço de tempo, da orografia da baixa Estremadura portuguesa para fazer face à 3ª Invasão Francesa, tendo em vista a tecnologia militar desse tempo e dos meios disponíveis.

Palavras-Chave: Linhas de Torres; Arquitectura-militar; Simbiose estruturas-terreno.

A Cisterna da Torre Medieval de Sacavém

Raquel Silva

Câmara Municipal de Loures - raquel.silva.a@gmail.com

No âmbito da minimização de impactos devido a empreendimento privado em meio urbano, realizou-se em 2012, na cidade de Sacavém (concelho de Loures) intervenção arqueológica em estrutura enterrada, tipo cisterna.

Esta cisterna encontra-se localizada no logradouro de um conjunto denominado Torre Medieval de Sacavém, integrando edifício atorreado e dois prédios contíguos. Com existência, pelo menos desde o século XIII, mantendo paredes com espessura de cerca de 2 metros e uma estreita escada interior, o edifício da torre propriamente dito apresenta características mais tardias, enquadráveis nos séculos XVII e XVIII.

Definiram-se como objetivos gerais desta intervenção a minimização de impactos negativos decorrentes de obra, aferição do potencial arqueológico existente no local e promoção do conhecimento histórico. Especificamente, pretendeu-se caracterizar a estrutura enterrada existente no logradouro e enquadrá-la historicamente.

A intervenção arqueológica permitiu a confirmação da existência da cisterna, a sua caracterização morfológica, identificação e datação da sua última utilização (século XX).

Palavras-Chave: Sacavém; cisterna; intervenção arqueológica.

Idoliformes e Esteliformes na Arte Rupestre do Vale do Tejo. Morfologias, Cronologias e Interpretações

Mário Varela Gomes

IAP – FCSH/UNL

Eidolon em grego significa duplo fantasmático ou representação terrena de realidade sobrenatural, como expressão simbólica do divino. E é seguindo este conceito que atribuímos tal designação a representações antropomórficas correspondentes às que a Arqueologia tem chamado ídolos ou idoliformes, tanto quando se trata de pequenos artefactos como no que concerne a figurações gravadas e/ou pintadas.

Tais conceptualizações surgem nos períodos IV e V da arte do Vale do Tejo, com cronologia que, portanto, abrange longa diacronia, desde o Tardo Neolítico à Idade do Bronze.

Uma das variantes ali detectada oferece cabeça destacada, enquanto em outra, com olhos e nariz, aquela não se encontra individualizada do corpo, apresentando outros a cabeça ou a face no interior do seu perímetro, junto ao topo, mas desprovida de características anatómicas.

Existem paralelos com os denominados ídolos e ídolos-bétilos, assim como com estelas antropomórficas, aspectos que ajudam à classificação diacrónica e funcional.

Palavras-Chave: Idoliformes, Esteliformes, Vale do Tejo, Morfologias, representações antropomórficas.

Uma representação arquitectónica na arte rupestre do Vale do Tejo?

Fernando Coimbra

Centro de Geociências, ulD 73 FCT, Centro Português de Geo-História e Pré-História, Instituto Terra e Memória

O autor analisa uma gravura rupestre existente na Rocha 132 de Fratel, que poderá constituir a representação de um recinto de fossos datável do Neolítico/Calcolítico, como os que têm sido descobertos no Alentejo, como por exemplo Monte do Olival 1. De facto, embora aquela rocha esteja atualmente submersa pelas águas da barragem, a existência de um molde de látex efetuada nos anos 70 revela gravuras com uma grande semelhança tipológica relativamente às plantas de alguns daqueles recintos, inclusivamente a representação de portas.

São ainda analisadas gravuras idênticas, existentes no Norte do país, na denominada Lage dos Sinais (Barcelos), que poderão representar recintos megalíticos daquela região.

Palavras-Chave: representação arquitetónica, gravura rupestre, recintos megalíticos.

Figurações na Arte Rupestre Tagana

Cristina Grilo Lopes

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Neste trabalho pretende-se ponderar sobre o complexo da Arte Rupestre do Vale do Tejo. Com cerca de 40 Km de extensão e uma quantidade estimada de cerca de 20.000 gravuras rupestres a arte tagana merece consideração. Integra-se no conjunto que se insere na denominada Arte Esquemática Pós-Glaciár. As figurações gravadas são predominantemente de carácter abstrato simbólico, sendo os círculos, enquanto combinações circulares e geométricas

Palavras-Chave: Arte esquemática, círculos.

A arte do Tejo na exposição itinerante - Arte rupestre do Pinhal interior

Fernando Coimbra¹ e Sara Garcês²

¹Centro de Geociências, ulD 73 FCT, Centro Português de Geo-História e Pré-História, Instituto Terra e Memória

²Centro de Geociências, ulD 73 FCT, Instituto Terra e Memória

O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo, apesar de submerso em mais de 80%, continua a ter grande importância no âmbito da arte rupestre europeia. Assim, ao estruturar uma exposição itinerante, já realizada, sobre a arte rupestre da área do Pinhal Interior não seria possível omitir as gravuras taganas, embora o espaço geográfico selecionado para a mostra não incidisse especificamente sobre o Tejo.

Nesta comunicação os autores “revisitam” a exposição A Arte Rupestre do Pinhal Interior, evidenciando o destaque nela concedido à divulgação de gravuras do Vale do Tejo, muitas das quais ainda hoje praticamente desconhecidas nos meios arqueológicos.

Palavras-Chave: Arte rupestre, Vale do Tejo, exposição itinerante.

O Registo Osteológico Humano da Gruta do Morgado Superior (Tomar): um Vislumbre da Vida no Mundo dos Mortos do Vale do Nabão

Tiago Tomé¹, Cláudia Cunha²,

¹Centro de Investigação em Antropologia e Saúde/Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Grupo de Quaternário e Pré-História, Centro de Geociências. Instituto Terra e Memória

² Centro de Investigação em Antropologia e Saúde/Departamento de Ciências da Vida, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Grupo de Quaternário e Pré-História, Centro de Geociências. Instituto Terra e Memória. Bolseira Individual de Doutoramento, SFRH-BD-70495-2010. Fundação para Ciência e a Tecnologia. Ministério da Educação e Ciência

Parte integrante do *cluster* de grutas-necrópole dos Canteirões do Nabão (Tomar), a Gruta do Morgado Superior foi alvo de uma primeira intervenção nos anos 80. Recentemente, foram realizadas novas campanhas de escavação neste contexto funerário, que permitiram identificar um depósito muito mais rico do que inicialmente se presumia. A amostra osteológica humana, que originalmente sugeria estarmos perante um depósito de inumação colectiva de reduzidas dimensões, integra neste momento dezenas de indivíduos. O estudo da amostra exumada na campanha de 2013 encontra-se ainda em realização. No entanto, é já possível avançar com alguns dados preliminares sobre a Antropologia Funerária e a Paleobiologia desta comunidade. Para além disso, destacam-se dados indicativos de alterações osteológicas causadas pelo modo de vida dos grupos agricultores que usaram esta gruta como local de inumação dos seus mortos.

Palavras-Chave: Registo Osteológico Humano; Gruta do Morgado Superior; Nabão; Contexto funerário; Neolítico.

Uma Pequena História de um grande Rio: do pré-Tejo ao Tejo actual

Teresa Azevêdo

Departamento de Geologia da FCUL

- 1 – Algumas curiosidades sobre o comportamento dos rios.
- 2 – Esteve o Tejo sempre ali?
- 3 – A primeira grande mudança-antepassados (2MA)
- 4 – A segunda grande mudança (século XVI)
- 5 – A terceira grande mudança /século (XVIII)
- 6 – O Tejo actual

Os rios têm comportamentos peculiares e obedecem a padrões que, se desconhecidos, podem gerar dificuldades e riscos a quem os ignora. Alguns desses comportamentos explicam muitos episódios da história do Tejo. Descrevem-se as três grandes mudanças de percurso do maior rio da Península Ibérica, a primeira das quais há cerca de 2 MA, da Península de Setúbal para o canal actual, e as duas outras na época histórica, nomeadamente, nos séculos XVI (reinado de D. João III) e XVIII (reinado de D. João V). Mostra-se que o Tejo, tal como o conhecemos hoje, tem um traçado muito recente e que grandes obras de engenharia foram realizadas nos séculos passados, a fim de minorarem os acidentes provocados pelas suas perigosas correntes, fonte de múltiplos acidentes de navegação.

Palavras-Chave: Comportamento dos rios, Rio Tejo, Plistocénico, D. João III, D. João V, acidentes de navegação.

As Ocupações Pré-históricas na Zona do Cabo Espichel: uma análise geo-arqueológica

Silvério Figueiredo¹, Pedro Proença Cunha²

¹Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP); Instituto Politécnico de Tomar (IPT); Laboratório de Arqueozoologia e Paleontologia do IPT e CPGP (LAP.IPT-CPGP); Centro de Geociências – Universidade de Coimbra (CG-UC); Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (NIDAP, CPGP).

²Dep. Ciências da Terra - Universidade de Coimbra

A norte do Espichel, na zona das Aguncheiras à Foz da Fonte, existem dois terraços plistocénicos. Um, na zona das Aguncheiras, que ocupa uma área bastante grande e outro, junto à Foz da Fonte, de dimensão menor.

Nos terraços foram encontrados materiais paleolíticos em algumas zonas de erosão. Estes materiais são predominantemente de quartzito. Nas zonas das areias eólicas aparecem artefactos essencialmente de quartzo e de sílex e que apontam para cronologias da pré-história recente. Nas zonas inferiores destas areias, logo por cima das formações cretácicas, aparecem, expostos por erosão, materiais que apresentam alguma eolização e que parecem indicar cronologias paleolíticas.

Palavras-Chave: Espichel, Aguncheiras, Pré-História; Paleolítico; terraços; Plistocénico; Holocénico.

Cronologia para os Terraços mais Antigos do Tejo na Região de Vila Nova da Barquinha (Portugal Central)

Jorge Cristóvão¹ e Pierluigi Rosina²

¹Instituto Politécnico de Tomar

²Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória, Mação; Centro de Interpretação do Alto Ribatejo, V. N. da Barquinha

Em Portugal, os terraços fluviais do rio Tejo têm na última década sido alvo de diversos estudos morfoestratigráficos, com vista à construção de um quadro geocronológico. O interesse sobre os terraços fluviais não está exclusivamente relacionado com a geomorfologia, também está relacionado com o estudo das ocupações humanas mais antigas do território. De facto os sítios mais antigos encontram-se neste tipo de depósitos. As limitações técnicas dos métodos de datação e a falta de restos fósseis impediram até ao momento de ter uma cronologia fiável para os primeiros degraus da escadaria de terraços. Apresenta-se nesta comunicação um quadro cronológico para os terraços mais antigos do baixo Tejo, na zona de Vila Nova da Barquinha baseado nas recentes datações por Electron Spin Resonance (ESR) - Ressonância Electrónica de Spin. Foram obtidos resultados para quatro (T1-T3-T4 e T5) dos seis terraços que constituem a escadaria fluvial do Baixo Tejo. Para os depósitos sem datas ESR foi utilizada a regressão linear para obter datas prováveis para os terraços T6 e T2.

Palavras-Chave: Baixo Rio Tejo, Terraços Fluviais Quaternários, Datação ESR, Regressão Linear, Ocupação Humana.

Indicadores Tafonómicos e Paleoecológicos Resultantes do Estudo da Avifauna do Plistocénico Médio e Superior do Vale do Tejo

Silvério Figueiredo¹ e Américo Rosa²

¹Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP); Instituto Politécnico de Tomar (IPT); Laboratório de Arqueozoologia e Paleontologia do IPT e CPGP (LAPIPT-CPGP); Centro de Geociências – Universidade de Coimbra (CG-UC); Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (NIDAP-CPGP)

²Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP); Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (NIDAP-CPGP); Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (mestrando em Biologia da Conservação)

Apresenta-se um breve estudo sobre os indicadores Tafonómicos, paleoecológicos e paleoambientais proporcionados pela investigação dos restos de aves presentes em jazidas do Plistocénico do Vale do Tejo. O presente trabalho tem por base o estudo dos restos de aves encontrados em quatro jazidas do Plistocénico, a partir de dados inéditos e outros decorrentes de estudos já publicados. O intervalo de tempo entre as estações plistocénicas situa-se entre os 240 mil anos BP (Galerias Pesadas) e os 10 mil anos BP (Gruta do Caldeirão), verificando-se que durante este período não houve grande alteração de ambientes associados às espécies de aves encontradas nas diferentes jazidas. Acrescenta-se uma breve comparação com a avifauna atual, de acordo com os dados fornecidos pelas investigações ornitológicas recentes, com base em censos e inventários, que possibilitam a criação de atlas e a monitorização do estado presente de conservação das espécies.

Palavras-chave: avifauna, Plistocénico, Vale do Tejo, grutas, Paleolítico, paleoecologia, tafonomia.

Proposta para um roteiro de Paleoturismo no Médio e Alto Tejo (em território Português), incluindo o Quaternário

Sandra Domingos¹, Silvério Figueiredo², Luís Mota Figueira³

¹*Centro Português de Geo-História e Pré-História; Instituto Politécnico de Tomar*

²*Centro Português de Geo-História e Pré-História; Instituto Politécnico de Tomar; Laboratório de Arqueozoologia e Paleontologia; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória*

³*Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Estudos Politécnicos da Golegã*

Apresenta-se uma proposta de um roteiro de Paleoturismo para a zona do Tejo. Partindo do Núcleo de Interpretação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP, onde se pode ver uma exposição da História Natural com exemplos de fósseis de Portugal e do estrangeiro, que abrange todas as Eras Geológicas, visita-se depois as trilobites de Mação. No Alto Tejo começa-se por visitar os troncos fósseis do Paleozoico e a Foz do Enxarrique (onde se descobriu formas do Plistocénico) em Vila Velha de Rodão, passando depois para Penha Garcia onde se pode admirar as cruzianas.

Palavras-Chave: Paleoturismo, Tejo, roteiro, Paleontologia, Trilobites.

O projecto europeu EMEE e a mudança de perspectiva nos museus de arqueologia: nova relação com os públicos.

Mário Antas¹, Mafalda Ramos², António Carvalho³, Luís Raposo⁴, Isabel Inácio⁴, Miguel Feio², Ricardo Simões², Carlos Diniz⁴, Maria João Nunes² e Carla Ventura²

¹Museu Nacional de Arqueologia; Centro Português de Geo-História e Pré-História; Projecto EMEE

²Projecto EMEE

³Director do Museu Nacional de Arqueologia; Projecto EMEE

⁴Museu Nacional de Arqueologia; Projecto EMEE

O Museu Nacional de Arqueologia (MNA) integra um projeto europeu cujo principal objetivo passa mudar a perspectiva que os visitantes têm dos objetos: um objeto, muitas visões. Através desta, desafiam-se os visitantes a fazerem uma reinterpretação de objetos e grupos de objetos que revelem a complexa diversidade de significados históricos. A reflexão sobre os objetos, permite descobrir perspectivas transnacionais e europeias, utilizando novos meios expositivos, demonstrações e possibilidades de participação.

Simultaneamente, o projeto desenvolve conceitos criativos para o envolvimento do público. Ao **envolver** e **ativar** o visitante, o projeto tenta atrair o maior número de “não-visitantes” aos museus.

O MNA está assim a desenvolver um conjunto de materiais e atividades que permitam esta Mudança de Perspetiva possibilitando aos visitantes novas experiências aos visitantes, aplicando assim os conceito-chave deste projeto: ativação e participação.

Palavras-chave: Mudança de perspectiva, ativação, participação, museu de arqueologia.

Uma futura exposição no MNA: “O tempo resgatado ao mar”

António Carvalho

Director do Museu Nacional de Arqueologia

A exposição *O tempo resgatado ao mar*, organizada pelo Museu Nacional de Arqueologia, constitui uma proposta de síntese do conhecimento produzido nas três últimas décadas no domínio da Arqueologia Náutica e Subaquática.

O espólio diversificado, constituído por mais de 300 peças, provém de quase todo o território português, da orla marítima ou de águas interiores, cobrindo um vasto período cronológico – da Idade do Ferro à época contemporânea – e resulta da atividade de prospeção e escavação arqueológica da tutela do património cultural, ou por esta apoiada, mas também da acção de outras instituições, assim como de achados fortuitos.

Congrega, na sua concretização, uma vasta rede de parcerias com instituições públicas mas também privadas, de que se destaca a estabelecida entre a Direcção Geral do Património Cultural e o Museu Nacional de Arqueologia Subaquática – ARQUA de Cartagena (Espanha) para a conclusão do tratamento de conservação, por liofilização, de uma piroga monóxila do Rio Lima, datada da 2ª metade do século VIII ao final do IX, de dois elementos de poleame e dos fragmentos de madeira de um mosquete, todos de Época Moderna.

A exposição é comissariada pelo doutor Adolfo Silveira Martins, sendo o projeto museográfico da autoria da arquiteta Maria Manuela Fernandes. Reúne contributos de cerca de duas dezenas de especialistas nesta área científica.

Palavras-chave: Museu Nacional de Arqueologia, Arqueologia Náutica e Subaquática, Exposições, Piroga Monóxila.

NIDAP.cpgp – São Caetano, Golegã: um projecto de divulgação da evolução da Vida e do Homem

Silvério Figueiredo¹, Arlinda Fortes², Fernando Coimbra³, Mário Antas⁴

¹Centro Português de Geo-História e Pré-História; Instituto Politécnico de Tomar; Laboratório de Arqueozoologia e Paleontologia; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória

²Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP); Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia do CPGP (NIDAP.CPGP)

³Centro Português de Geo-História e Pré-História; Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências – Universidade de Coimbra; Instituto Terra e Memória

⁴Centro Português de Geo-História e Pré-História; Museu Nacional de Arqueologia

Em resultado de um protocolo com a Câmara Municipal da Golegã, o CPGP fundou, na antiga Escola de São Caetano, Golegã, um projeto de divulgação e de investigação, o NIDAP - Núcleo de Investigação e Divulgação de Arqueologia e Paleontologia, constituído por um espaço museológico, uma biblioteca e um laboratório de investigação em paleontologia e arqueologia pré-histórica.

No NIDAP, poderá ser visitada uma exposição que tem como temas centrais a evolução da vida e a evolução física e tecnológica do homem, constituída pelos materiais das coleções paleontológicas e de arqueológicas do CPGP e por suportes interativos. Poderá também ser utilizada a biblioteca, que tem mais de um milhar de livros e artigos, em suporte de papel e informático sobre paleontologia, evolução, arqueologia, arte rupestre e geoarqueologia.

Palavras-chave: NIDAP.CPGP, São Caetano-Golegã, Paleontologia, Arqueologia, Divulgação, Didática.

Abordagem à Metalúrgica Duarte Ferreira: proposta de musealização

Lígia Marques¹, Luís Mota Figueira², José Manuel Lopes Ribeiro³

¹Instituto Politécnico de Tomar

²Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Estudos Politécnicos da Golegã

³Universidade do Minho

Nos últimos anos tem crescido o interesse pela preservação e reutilização do património industrial um pouco por todo o mundo. Como prova disso são os cada vez mais artigos científicos e estudos sobre a temática da arqueologia industrial que se produzem e publicam, bem como a promoção de atividades de sensibilização para o tema. O Turismo Industrial tem assim um lugar no panorama turístico nacional e com bastante potencial de crescimento por se encontrar ainda em fase inicial de expansão.

Pretende-se, nesta comunicação, dar a conhecer o Tramagal como detentor de património arqueológico industrial suscetível de ser turistificado com intuito também à preservação e didática da memória desse legado. O património industrial do Tramagal assenta no legado da Metalúrgica Duarte Ferreira – edifício, acervo e memória – que merece toda a atenção enquanto património arqueológico industrial local, com projeção nacional e internacional, tendo em conta a importância que a MDF teve para o desenvolvimento da região e seu contributo para a industrialização do país bem como a sua projeção na Europa e África colonial, durante praticamente todo o século XX.

Palavras-Chave: Arqueologia Industrial, Tramagal, Metalúrgica Duarte Ferreira.

Correlação Destroço-Navio: SS Dago, um estudo de caso

Jorge Ribeiro Russo

CINAV - Centro de Investigação Naval

Um dos primeiros problemas que se colocam perante um destroço é fazer corresponder esse destroço a um navio. Este problema pode colocar-se em torno de vários destroços relativamente a um navio candidato, ou, de um destroço relativamente a uma lista de navios candidatos.

O SS Dago, um navio de carga Britânico a vapor, afundado à bomba por um Focke-wulf 200 Condor em 15 de Março de 1942 ao largo de Peniche, insere-se precisamente no primeiro exemplo, porquanto nas coordenadas reportadas para o seu afundamento encontraram-se dois destroços, a 50 m de profundidade, separados apenas por 500 m, ambos vapores.

Neste estudo de caso, fizemos duas perguntas: que metodologia desenvolver e testar com o objetivo de correlacionar um daqueles destroços ao SS Dago, se algum deles correspondia, e, se esta metodologia se revelaria um potencial protocolo de aplicação futura, independentemente da correlação ou impossibilidade dela.

Após um projeto de 5 anos, foi possível desenvolver e testar uma metodologia de correlação destroço-navio, identificar um dos destroços como o SS Dago, e, tirar conclusões quanto à aplicação futura daquela.

Palavras-Chave: Arqueologia subaquática; SS Dago; Navegação a Vapor.

Contributo para o estudo do Vale do Tejo na época Romana: a aplicação dos sistemas de informação geográfica numa perspetiva de análise espacial da ocupação e de mobilidade

Cristiana Rafaela Correia Simões

(Instituto Politécnico de Tomar e Universidade Autónoma de Lisboa),

Colaboradora Laboratório Arqueologia e Conservação do Património Subaquático

Esta comunicação, que aqui se apresenta, refletem os nossos primeiros passos na compreensão da zona do Vale do Tejo, durante a época Romana, utilizando, para efeito, a aplicação do sistema de informação geográfica.

Este estudo parte da recolha e análise da informação bibliográfica já existente sobre a área em estudo, associada à construção de uma análise espacial desta área, para assim compreender a influência marítima-fluvial no desenvolvimento ocupacional do território do Vale do Tejo e na mobilidade populacional e de bens, contribuindo, desta forma, para aprofundar o conhecimento social e económico deste período, no território Português.

Palavras-Chave: Sistemas de Informação Geográfica; Vale do Tejo; época romana.

Troia 1, Viagem no Mar e no Tempo: interpretação de um naufrágio

Adolfo Miguel Borges Pinheiro da Silveira Martins

Universidade Autónoma de Lisboa

A região da Sado amplamente conhecida pelas suas características únicas, foi desde cedo escolhida pelos povos que de algum modo marcaram presença e transmitiram a sua cultura. Apesar de até ao momento haver uma grande disparidade entre as datações dos sítios arqueológicos situados em terra, em relação aos que se encontram submersos, é no mar e do mar que as gentes desta região viveram, vivem e continuarão a viver.

O caso de estudo que se irá apresentar, está diretamente relacionado com a cultura do mar nas vertentes da navegação, transporte de bens, pesca e construção naval. Deste modo e com base num equilíbrio encontrado entre a intervenção arqueológica e a pesquisa de fontes históricas sobre um período em que esta região assumiu a preponderância na pesca e na exploração do sal, serão desenvolvidos os temas que abordarão a identificação e caracterização dos sítio arqueológico subaquático Troia1 e a sua relação com o meio e com as gentes, bem uma reflexão sobre os últimos navios construídos em madeira.

Palavras-Chave: Troia, Sado, naufrágio, navegação, transporte de bens, pesca, construção naval.

Mesa-Redonda: Trilhar um caminho para o futuro: Estratégias para 2020

Alexandra Águeda Figueiredo

Instituto Politécnico de Tomar; Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências (UID73-F.C.T.)

O mar sempre exerceu uma forte atração no Homem, quer pela sua magnificência singular e grandiosidade, quer pela exploração de novos mundos, meio e seres.

Por variadas razões, o Homem começou, aos poucos, a tentar desvendar os seus mistérios. Ao aperceber-se da sua riqueza e beleza infindáveis não mais parou na descoberta e invenção de métodos e técnicas para o navegar, na análise meticulosa dos seus habitantes, na exploração das matérias-primas que este oferecia, na pesquisa do tipo de ambiente que o integra e na compreensão do mundo subaquático. Passo a passo, foi navegando e submergindo. Para traz deixou história, vestígios e uma vida.

A sociedade contemporânea é fruto destas investidas e está absolutamente marcada por esta tradição. Durante séculos estruturou-se em torno do mar, dos recursos fluviais e das suas potencialidades e esta relação possui uma dimensão absolutamente relevante para o nosso futuro, como prova a atual Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020. Importa, por isso, discutirmos em que medida, nós, como comunidade arqueológica, gostaríamos de ver a pesquisa, investigação, gestão e preservação do património subaquático em 2020 e qual o caminho a seguir para tal fim.

Esta mesa-redonda tem como objetivo encetar um dialogo que permita congregar esforços no sentido de uma colaboração mais profícua e eficaz entre instituições, organismos, empresas e investigadores, considerando como alvo da nossa discussão o Vale do Tejo e zonas que com ele estão diretamente ou indiretamente relacionadas.

Palavras-Chave: Gestão; Investigação; Educação Patrimonial; Arqueologia Subaquática; Estratégia 2020.

Adolfo Miguel Martins - *adolfofom@dgpc.pt*
Alexandra Águeda Figueiredo - *alexfiga@ipt.pt*
Américo Rosa - *americo.rosa@gmail.com*
Ana Cruz - *anacruz@ipt.pt*
Ana Graça - *anagracea@ipt.pt*
António Carvalho - *antonioacarvalho@mnrarqueologia.dgpc.pt*
Arlinda Fortes - *arlinda.frts@gmail.com*

Cláudia Cunha - *claudia.cunha.k@gmail.com*
Cristiana Simões - *cristiana7simoese@gmail.com*
Cristina Grilo Lopes - *clopes99@gmail.com*

Davide Delfino - *davdelfino@gmail.com*

Fernando Coimbra - *coimbra.rockart@yahoo.com*
Florbela Estevão - *forestevao7@gmail.com*

Guillermo Reher - *guillermo.reher@cchs.csic.es*

Isabel Inácio - *isabelminacio@gmail.com*

João Pedro Cunha Ribeiro - *jppgcr@gmail.com*
Jorge Ribeiro Russo - *russochief@gmail.com*
Juan Pereira Sieso - *Juan.Pereira@uclm.es*

Lígia Marques - *ligia_f@sapo.pt*
Luís Barros - *barrosrat@gmail.com*
Luís Mota Figueira - *lmota@ipt.pt*
Luiz Oosterbeeck - *loost@ipt.pt*
Luís Raposo - *luisraposo@mnrarqueologia.dgpc.pt*

Maria Cristina Charro Lobato - *mccharro@ghis.ucm.es*
Mário Antas - *marioantas@mnrarqueologia.dgpc.pt*
Mário Varela Gomes - *mv.gomes@fcsh.un.pt*
Mário Santos - *mariosantos_1@sapo.pt*

Pedro Cura - *opedrocura@gmail.com*
Pedro Proença Cunha - *pcunha@dct.uc.pt*
Pierluigi Rosina - *prosina@ipt.pt*

Raquel Silva - *raquel.silva.a@gmail.com*

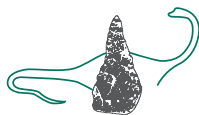
Sandra Domingos - *sandrabelver@gmail.com*
Sara Cura - *osaracurao@gmail.com*
Sara Garcês - *saragarces.rockart@gmail.com*
Silvério Figueiredo - *silverio.figueiredo@ipt.pt*
Sofia Ferreira - *sofia.ferreira86@hotmail.com*
Stefano Grimaldi - *stefano.grimaldi@unitn.it*

Teresa Azevêdo - *terazeve@fc.ul.pt*
Tiago Tomé - *tiagotome@gmail.com*

Vanessa Sitima Dias - *vsitimadias@gmail.com*
Vânia Carvalho - *vcarvalho@cm-leiria.pt*

Parcerias

Organização



Centro Português
de Geo-História
e Pré-história

Co-organização



Entidades Parceiras



Patrocinador



Apoios



